

Júpiter

Para os babilônicos, o planeta Júpiter era conhecido como Marduk; para os gregos, como Zeus; e para os romanos, como Júpiter. Em todos os casos, era o rei dos deuses. Segundo o mito babilônico, a criação do planeta Terra ocorre quando uma serpente marinha chamada Tiamat reúne seus exércitos para revoltar-se contra os deuses celestes. Os deuses escolhem, então, o jovem Marduk para lutar contra os exércitos da escuridão e destruir Tiamat. Marduk aceita o desafio e vence a serpente. Com os restos do cadáver gigantesco ele constrói o céu e a terra, coloca as estrelas em seu curso e estabelece o calendário.

Se olharmos atentamente, este mito é muito similar ao mito de Apolo e Píton, discutido anteriormente quando falamos sobre o Sol. Marduk era o rei dos deuses, Apolo era o rei dos planetas. Ambos destruíram a serpente, trazendo ordem ao caos e controlando as energias vitais para a realização consciente. Mas se ambos tratam do mesmo princípio (o direcionamento da força vital) como diferencia-los na Astrologia? O Sol trata da direção e senso de finalidade da força vital para o propósito individual e Júpiter trata do direcionamento desta energia a nível social. O nosso rei interior seria então composto por Sol + Júpiter, que organizam e concentram toda a nossa energia psicoespiritual, dirigindo-a para um objetivo específico, enquanto o guerreiro (Marte) faz o trabalho real.

Para os antigos gregos, Júpiter era o rei do cosmos. E o rei naquela época representava uma figura paternal, um zelador do povo, um protetor. Como tal, entendemos que a casa ocupada por Júpiter na mandala astrológica é uma área da vida onde temos proteção.

Embora atualmente Júpiter seja visto prioritariamente como o eterno benfeitor do zodíaco, Zeus também podia ser um deus bastante cruel. Ele tinha o poder e a autoridade para recompensar com presentes (como a imortalidade) a quem desejava, mas também condenava a destinos terríveis aqueles que julgava merecedores. Assim, mais do que o benfeitor, digamos que Júpiter é o juiz. Um juiz generoso, mas ainda assim um juiz.

Júpiter traz em si, ainda, uma forte conotação sexual. Em Peixes ele retira êxtase místico do ato do amor, em Sagitário ele manifesta uma sexualidade brincalhona e descompromissada, e em Leão ele manifesta a sexualidade com o fim de procriação. E isso faz sentido, se lembrarmos que Zeus era um amante ativo na mitologia, não pelo prazer sexual em si (como Marte) nem com o fim de estabelecer relacionamentos, mas sim com o desejo de ser o progenitor de uma nova raça.

Seu símbolo astrológico (uma linha vertical atravessada por um traço horizontal com um semicírculo vertical voltado para o lado esquerdo) representa o triunfo do espiritual (semicírculo) sobre o material (cruz), indicando que o verdadeiro poder reside em nosso interior, e que os ideais transcendem o mundo físico.